



UFAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE - ICHICA
CURSO DE JORNALISMO**

LUCAS COSTA DE ALMEIDA

**RELATÓRIO TÉCNICO
de Trabalho de Conclusão de Curso**

INVISÍVEIS TRANS

Os desafios de uma população que vive à margem e mais morre no mundo

**MACEIÓ/AL
2022**

LUCAS COSTA DE ALMEIDA

RELATÓRIO TÉCNICO
de Trabalho de Conclusão de Curso

INVISÍVEIS TRANS

Os desafios de uma população que vive à margem e mais morre no mundo

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientado pela Professora Dra. Mercia Pimentel

MACEIÓ/AL
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

A447i Almeida, Lucas Costa de.
Invisíveis trans: os desafios de uma população que vive à margem e
mais morre no mundo / Lucas Costa de Almeida. – 2022.
40 f.

Orientadora: Mercia Pimentel.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 20-21.
Apêndices: f. 22-40.

1. Pessoas transgênero. 2. Travesti. 3. Transexualidade. I. Título.

CDU: 070

RESUMO

Viver com dignidade é talvez uma realidade comum para quem não é minoria, mas para a população trans e outros grupos minoritários é preciso lutar para viver. Sobreviver é quase utópico, quando a sua expectativa de vida é de 35 anos, menos da metade da média nacional. A cada 16 horas uma pessoa LGBTQIA+ é morta no Brasil, segundo o TGUE (Transgender Europe) numa pesquisa feita em 2021. Muitas vezes, essas pessoas são excluídas dos ambientes tradicionais de socialização - família, igreja, escola - e do mercado de trabalho, são ignoradas, sem chances, sem escolhas, a prostituição se torna um dos únicos meios de continuar existindo. Levando isso em consideração, o propósito deste trabalho é mostrar a realidade vivida pela população Trans e Travesti, a exclusão de seus corpos na sociedade - ora julgados ora sexualizados -, por meio do processo de produção jornalística. São pessoas ignoradas pelo poder público, invisíveis nas políticas sociais. Ser Trans e travesti no nosso país não é uma realidade fácil. É através de alguns relatos que a produção jornalística realizada vai dar visibilidade àquelas àqueles que lutam pelo simples direito de existir.

Palavras-chave: Pessoas transgênero, Travestis, Trans

ABSTRACT

Living with dignity is a common reality for those who are not a minority, but for the trans population and other minority groups, it is necessary to fight to live. Surviving is almost utopian, when your life expectancy is 35 years, less than half the national average. Every 16 hours an LGBTQIA+ person is killed in Brazil, according to TGUE (Transgender Europe) in a survey carried out in 2021. Often, these people are excluded from traditional socialization environments

- family, church, school - and the job market, are ignored, without chances, without choices, prostitution becomes one of the only means of continuing to exist. sometimes judged, sometimes sexualized, through the process of journalistic production. They are people ignored by the government, invisible in social policies. Being trans and transvestites in our country is not an easy reality. It is through some reports that the journalistic production carried out will give visibility to those who fight for the simple right to exist.

Keywords: Transgender people, Transvestites, Trans

*Dedico a todos que acreditam em mim. Mesmo que eu não tenha acreditado. A todos que viveram meus altos e baixos durante estes 12 anos. Minha mãe, minha madrinha, minhas avós, tia Lilian, Anne, Alisson que me ajudou tanto a finalizar. Miriam, Well, Jonh, todos que de alguma forma, nessa trajetória acreditaram que era possível.
Obrigado!*

AGRADECIMENTOS

Foram 12 anos: uma vida. Nunca achei que iria conseguir lidar com a pressão de ser adulto, trabalhar, estudar, depressão e ansiedade. Foi difícil. Agradeço a minha mãe Tânia, que sempre foi minha inspiração de força e garra. A todos que tiveram empatia e tentaram me ajudar de alguma forma, com palavras e incentivos.

Agradeço a quem comprou a ideia deste retorno à faculdade e me ajudou muito, Fernanda Felix, Afra, todos os colegas de trabalho que me cobriram para eu poder estudar, a todos que enxergaram que era possível. Obrigado, Mercia, por aceitar me orientar, vendo o quanto eu estava perdido. Obrigado a todos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS	8
2.1	<i>Gerais</i>	8
2.1.1	<i>Específicos</i>	8
3	FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	9
4	PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	11
5	RESULTADOS	17
6	CONCLUSÃO	18
	REFERÊNCIAS	19
	APÊNDICE A – ABA 1: “É SOBRE ISSO”	21
	APÊNDICE B – ABA 1: “É SOBRE ISSO”	22
	APÊNDICE C – ABA 1: “É SOBRE ISSO”	23
	APÊNDICE D.– ABA 2: “CONTRA A NATUREZA?”	24
	APÊNDICE E.– ABA 2: “CONTRA A NATUREZA?”	25
	APÊNDICE F.– ABA 2: “CONTRA A NATUREZA?”	26
	APÊNDICE G.– ABA 2: “CONTRA A NATUREZA?”	27
	APÊNDICE H .– ABA 3: “PATRIARCADO E BINARISMO”	28
	APÊNDICE I ..– ABA 4: “BRUNNO”	29
	APÊNDICE J – ABA 4: “BRUNNO”	30
	APÊNDICE K – ABA 5: “FLORESCER”	31
	APÊNDICE L – ABA 5: “ FLORESCER ”	32
	APÊNDICE M.– ABA 5: “FLORESCER”	33
	APÊNDICE N – ABA 6: “É ELA”	34
	APÊNDICE O – ABA 6: “É ELA”	35
	APÊNDICE P – ABA 6: “É ELA”	36
	APÊNDICE Q – ABA 7: “E A SUBNOTIFICAÇÃO”	37
	APÊNDICE R – ABA 8: “LACROU”	38
	APÊNDICE S – ABA 8: “ASSOCIAÇÕES”	39

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se deu a partir da curiosidade frente ao que foi assistido em diversas reportagens apontadas por veículos de informação, sobretudo jornais, cuja temática trazida abarcava crimes bárbaros contra pessoas trans. O Brasil tem sido referência nas intolerâncias às pessoas Trans, sendo atualmente o país que mais mata travestis e trans em todo o mundo.

Senti dificuldade de conseguir dados oficiais oferecidos pelo próprio estado, foi quando conheci o trabalho de organizações não governamentais que capturavam informações sobre violência trans em relatos, denúncias anônimas e pela mídia. Organizações como a Antra, Associação Nacional de Travestis e Transexuais, que faz o monitoramento dos casos contra a vida de trans e travestis no Brasil desde 2017, contando com apoio também do GGB, Grupo Gay da Bahia. Segundo essas organizações, nenhum investimento ou qualquer ação eficaz foram pensados pelo Estado para enfrentar a violência contra a população trans no país.

A Antra divulgou o relatório mais recente da Transgender Europe (TGEU), uma ONG internacional que registra dados desde 2008, e dessa data até hoje o Brasil lidera o número de mortes dentre todos os países do mundo. A instituição que reúne os dados é dedicada ao tema com ajuda de grupos que levantam dados em cada país

Na contramão da violência a essa população, está o consumo pornográfico em 2021, segundo a plataforma Pornhub. Comparando outros países, os brasileiros e brasileiras veem 98%, a mais pornografia trans e travesti, sendo os dados observados desde 2016 por muitas plataformas de vídeos adultos. Em outras palavras, o país que mais mata travesti e trans é o que mais consome conteúdo erótico desta mesma população.

Levando em consideração os dados e os fatos, existe nitidamente uma dificuldade de reunir informações, principalmente locais. Foi, então, que surgiu a ideia de uma plataforma que reunisse esses dados e relatos de pessoas trans alagoanas. Assim nasceu o site “INVISÍVEL TRANS”, que busca unir informações, relatos de maneira simples e que de alguma forma contribua para visibilizar essas pessoas, principalmente aqui no Nordeste onde o índice de preconceito e violência é o maior do país.

2. OBJETIVOS:

2.1 GERAL:

Mostrar a realidade vivida pela população Trans e Travesti, a exclusão de seus corpos na sociedade, ora julgados ora sexualizados. Contribuir de alguma forma com a causa da visibilidade que elas/eles merecem, assim como ressaltar a negligência por parte do poder público em acolher e punir a violência cometida a essas pessoas.

2.1.1 ESPECÍFICOS:

- Trazer dados sobre a violência ocorrida contra a população Trans e Travesti e que mostram que existe uma real exclusão dessas pessoas em nossa sociedade;
- Abordar a falta de registros e controle do Estado sobre esses dados e a falta de acolhimento a essas pessoas;
- Promover uma discussão sobre o tema por meio do levantamento de dados e entrevistas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

A discussão sobre o tema "violência trans" foi o começo de uma curiosidade pessoal e seguiu como algo que realmente deveria provocar mais olhares aprofundados sobre a violência que envolve essa comunidade 24h por dia. Tendo a falta de dados oficiais que deveriam ser prestados pelo Estado, o papel do jornalismo teve suma importância em informar os crimes cometidos, já que é direito do cidadão ter acesso à informação em tudo que for de interesse dele e da comunidade. O Código de Ética dos jornalistas brasileiros (2007) aponta que:

Capítulo I - Do direito à informação Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.

Também faz parte do nosso papel como jornalista denunciar toda e qualquer violência cometida à população, incluindo pessoas trans e travestis. E defender sempre os direitos do cidadão, assim como consta também em nosso artigo de conduta, do Código de Ética dos jornalistas brasileiros (2007):

Art. 6º [...] XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias; [...] XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.

É evidente o papel da imprensa em manter o cidadão bem informado, ciente de seus direitos, protegido de toda e qualquer forma de algo que impeça de ter este direito; ser jornalista é um dever social, é nosso compromisso com a profissão e com toda a nossa sociedade.

Segundo a própria Agência Nacional de Trans e Travesti (Antra) em seu relatório de 2021, as informações sobre morte, tentativas de violência contra pessoas trans vêm da mídia, para ser mais exato 83% das informações contidas no relatório vêm da mídia - jornais e sites.

Toda essa violência a que travestis e mulheres trans estão submetidas no Brasil deve-se à nossa herança colonial, que coloca o homem como centro de referência de tudo, gerando uma sociedade patriarcal, baseada no machismo e na violência de gênero. “Então, essa violência é uma violência de gênero”, argumenta a geógrafa Sayonara Nogueira, diretora do IBTE, Instituto Brasileiro Trans de Educação. [...] essas pessoas acabam ocupando "o lugar do não humano", “de uma cidadania de segunda categoria (VEIGA, 2021, online)”.

A Antra monitora os casos contra a vida de Trans e travestis no Brasil desde 2017, e segundo a organização, nenhum investimento ou qualquer ação foram pensados pelo estado para enfrentar a violência contra a população trans no país. Numa carta aberta por Franco (2021), em um site voltado ao jornalismo com perspectiva de gênero, foi divulgado que no ano de 2017, 87% dos acessos ao site chamado Pornhub de teor pornográfico no Brasil foram em busca de conteúdos de pessoas trans e travestis. A autora ainda complementa que no período de pandemia de 2020, a busca chegou a marcar 98%. Em contrapartida, no mesmo ano a Antra divulgou que a cada 48 horas uma pessoa trans foi morta no país. O país que mais mata Travesti e trans é o que mais consome o conteúdo erotico desta mesma população; este contraditório chama a atenção no sentido de observar também que cada vez essa minoria morre mais cedo por crimes de intolerância.

São 175 assassinatos cometidos contra travestis e mulheres trans só em 2020. No primeiro semestre de 2021 foram mortas 89 pessoas trans, segundo a associação: 80 assassinatos e 9 suicídios. A Antra registrou ainda nesse período 33 tentativas de assassinato e 27 violações de direitos humanos contra essa população (PINHEIRO, 2022, online).

Ester Pinheiro faz uma crítica sobre o levantamento desses dados relacionados à violência trans. O problema alarmante é a falta de dados realmente oficiais por falta de políticas públicas para eles, geralmente, o levantamento de dados é obtido por meio de instituições como Antra, Rede trans e Instituto Brasileiro Trans de Educação (ITBE).

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Após o retorno de 4 anos afastado da vida acadêmica, devido ao meu antigo trabalho, retornei ao curso de Jornalismo na tentativa de finalizar a graduação. Fui aos poucos retomando a rotina acadêmica, voltando já com matérias mais práticas como Oficina de radiojornalismo e Fotojornalismo.

Em fotojornalismo, toda semana era necessária a elaboração de uma nova pauta para uma produção fotojornalística. Numas dessas pautas, tive o primeiro contato com o que viria ser meu TCC. A pauta era uma produção fotográfica de um personagem em seu trabalho. Resolvi acompanhar um amigo que fazia shows de drag queen em Maceió, o artista, maquiador profissional e coreógrafo, Luidson Colatino, ou a Drag Lavinia Burtner, como é mais conhecido nos eventos alagoanos.

Acompanhei o Luidson em um evento em homenagem à morte do seu amigo, o artista Reinaldo Reis. Reinaldo fazia performances de Ney Matogrosso e Carmem Miranda, dava vida a Adriely Reis em suas apresentações. Reinaldo foi brutalmente assassinado no final de 2017 em seu apartamento, crime onde se afirma LGBTfobia, conforme divulgado pelo G1 AL.

Reinaldo fazia parte do grupo Transhow, grupo Alagoano ACTRAN. Transhow é um projeto de inclusão de trans e travestis que vivem basicamente à margem de nossa sociedade, dando a possibilidade de uma nova vida através da arte. No show, vários amigos fizeram diversas homenagens a sua carreira, e a seus personagens, com muita poesia e protesto contra o medo que assola a comunidade LGBQIA+, principalmente Trans e Travestis.

Essa apresentação foi o começo da minha inquietação e curiosidade pelo tema, quando então resolvi começar a pesquisar mais sobre como vive a população transexual e travesti. Ao pesquisar no Google sobre trans/travesti, as notícias veiculadas apontam algo relacionado à prostituição, violência, morte ou a tentativa dela, e mortes com resquícios de crueldade. E nesta pesquisa apareceu um dos fatos mais famosos e conhecidos ultimamente, que foi a morte da travesti Dandara. Com grande repercussão nacional, a morte de Dandara se tornou um marco sobre a realidade vivida pela população trans.

No dia 17 fevereiro de 2017, Dandara Kettey foi espancada e executada a tiros em um bairro de fortaleza chamado Bons Jardim, no Ceará. O ocorrido foi filmado e divulgado nas redes sociais, as imagens muito cruéis chocaram a todos, pois ela foi arrastada, humilhada e jogada num carro de mão, sendo executada a tiros, tudo filmado e à luz do dia.

O Caso Dandara levantou e evidenciou os fatos já existentes sobre a realidade trans e travesti, que já ocorre há anos no País, e em muitos desses casos a justiça nunca foi feita.

Em termos gerais, a expectativa de vida desse grupo social não passa dos 35 anos, ou seja, nem é metade da expectativa de idade da população em geral que é 74,9 de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), numa pesquisa realizada entre 2013 e 2019 (MARCELINO, 2020). Esses dados são superficiais levando em consideração que nem sempre é respeitado o nome social nem a identidade de gênero nos registros oficiais de óbitos e em boletins de ocorrência, levando o questionamento sobre o número ser bem maior e a expectativa de vida bem menor do que já é divulgado.

Foi esse o motivo da inquietação. Meu retorno à Ufal foi conturbado, tive problemas depressivos, exaustão, desistências e retornos. Sendo pressionado a tomar uma decisão, pedi conselho a uma amiga, Míriam, que me apresentou Mercia, que se tornou minha orientadora e me fez acreditar que era possível.

O assunto já existia, era algo que me chamava à atenção, foi então que a ideia da grande reportagem apareceu, depois foi se desenvolvendo e se tornou uma reportagem multimídia hospedada numa plataforma gratuita, a Wix. A ideia do site surgiu aos poucos, no desenvolver do tempo.

Tinha pensado no pré-projeto de TCC, em 2017, na matéria de Desenvolvimento Orientando de Projetos, um Blog, algo interativo, digital, porém houve empecilhos e abandonei a ideia. Em 2019, na matéria de mídias alternativas, tive a experiência na produção do site, junto com um grupo elaboramos um site, com discussões e entrevistas, minha responsabilidade era edição e design, foi difícil, porém adorei a experiência. E após uma reunião, levei em consideração a sugestão da minha orientadora e decidi tentar. Foi assim que nasceu o “*Invisíveis Trans*”, o site pensado em trazer informações e visibilidade ao grupo que é marginalizado e mais morre no mundo, estando nosso País como líder nesse ranking.

Na elaboração do site, já existiam muitos dados, mas não a voz da população em foco. Não foi uma tarefa fácil, encontrei muitas pessoas receosas em me responder, pessoas cansadas também de responder às mesmas perguntas. Segui desmontando e montando roteiro toda semana, mudando direcionamento e pensando quem procurar, foi nesse processo difícil que surgiu a Nerfeti, aluna de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Nerfeti publicou em sua rede social uma denúncia de transfobia na Ufal, especificamente no Restaurante Universitário (RU), nele um funcionário não respeita seu pronome, mesmo sendo corrigido diversas vezes.

Nefertite Souza é aluna de Letras da Ufal e moradora da residência universitária. Paulista veio para Maceió estudar Agronomia e depois pediu reopção para Letras. Acompanhei a repercussão e entrei em contato com ela por mensagem e prontamente ela se demonstrou disponível a me explicar o ocorrido, surgiu assim a minha primeira entrevista. Decidi filmar, ela aceitou, e fui até sua casa para começarmos a entrevista. Ela me explicou o quanto é difícil ser aceita e respeitada, mesmo sendo qualificada, tendo passado em primeiro lugar no processo seletivo, sendo estudante universitária. Com todo o grau de conhecimento, é desmerecida pela sua aparência, por não seguir o padrão binário. Senti o quanto é complicado para ela e para tantas outras meninas, que acabam desistindo por falta de acolhimento, e até mesmo por falta de representação no meio acadêmico.

O uso incorreto dos pronomes ao se referir a uma pessoa trans é uma problemática muito comum, o que causa muita disforias em meninas trans, mesmo com o nome social, ou mudança de nome no registro do gênero no registro, sendo lei, existe um desrespeito enorme das pessoas cisgêneras em errar os pronomes, foi algo que abordei na aba “É Ela”.

Seguindo o rumo da pesquisa, foi sendo necessários especialistas sobre o assunto, temos pouco, infelizmente. Durante a pandemia, tudo se tornava mais difícil, no começo de 2021 fui até o Hospital Universitário Prof. Alberto Antunes (HUPAA) da Ufal, especificamente no ambulatório trans, inaugurado em janeiro de 2020. Suas atividades mal começaram, já que a pandemia da Covid 19 explodiu em março de 2020.

Chegando no ambulatório, consegui conversar com uma assistente social, que de maneira informal me falou da ideia de acolhimento, mas que ainda estavam retomando aos poucos. Falou que a intenção desse ambulatório é atender às demandas de pessoas trans e que seriam atendidas de maneira multidisciplinar e interprofissional, entre docentes e discentes da Ufal das áreas de Endocrinologia, Psiquiatria, Psicologia, Ginecologia, Cirurgia Plástica, Enfermagem, e Serviço Social.

Com atividades suspensas do ambulatório pela pandemia, procurei outros profissionais na área da Psiquiatria e Psicologia, então conhecendo Alisson Freitas, agora psicólogo, que apresentou recentemente o TCC e tinha o tema voltado a pessoas trans. Com fontes do seu trabalho, ele me apresentou Edsangela Maria Porto Palmeiras Silva, psicóloga clínica, que tem em seu perfil nas redes sociais muito conteúdo sobre os direitos da população, envolvendo seu processo e promoção de saúde mental da população Lgbtqi+. Prontamente, Edsangela respondeu um questionário que perguntava sobre o antes e depois da patologização das pessoas trans e o papel da psiquiatria e da psicologia no acolhimento.

A psiquiatria e a psicologia por anos trataram a transexualidade como doença, através de estudos, equiparando-a à esquizofrenia, transtorno mental, abrindo espaços para a “cura”, com métodos nada convencionais. Foram diversos estudos afirmando isso há anos, principalmente estudos como o do psiquiatra alemão Kraft-Ebbing, que em *Psychopatia Sexuallis*, de 1886, procura classificar e caracterizar os comportamentos homossexuais. Enxerguei como nítida a culpa da psiquiatria e da psicologia na motivação de tanto ódio e atitudes transfóbicas da nossa sociedade.

Sua patologização foi dada em 1990, e 28 anos após, em 2018, foi tirado do CID relacionado a problemas mentais, sendo agora dever da psiquiatria e psicologia reparar os danos que institucionalizaram a transfobia. Seguido por esses questionamentos, indaguei Edsangela na aba “*É contra a natureza?*”.

Muitos filósofos e pensadores tentaram explicar sobre como se institucionalizou o certo e errado na questão de gênero, suas normas e como nossa sociedade formou a opinião sobre a sexualidade. Pesquisando sobre o assunto, encontrei correlação ao patriarcado e ao binarismo, surgindo então à próxima aba, “*Patriarcado e Binarismo*”. O nome patriarcado vem de pai, pai como centro, o homem como centro da sociedade. Estudos surgiram sobre o assunto, principalmente na segunda metade do Século XX, mostrando a identificação de padrões patriarcais em muitas sociedades e o quanto essa estrutura sociopolítica dominava e ditava regras, impedindo mudanças na estrutura social.

Grupos em prol dos direitos das mulheres e contra o racismo começaram a reivindicar e questionar padrões, sugerindo mudanças, já que a sociedade sentia a necessidade de evoluir para algo mais justo e democrático. Seguindo esse raciocínio, fui em busca de algum sociólogo ou alguém que tivesse mais embasamento para falar sobre o assunto. Conheci então Ilson Lourenço, que é mestrando em serviço social. Ilson é também escritor, escreveu o livro *Doação de Sangue e Homossexualidade no Brasil: cautela revestida de preconceito*. Ele me explica por áudio como esse sistema sociopolítico do patriarcado define nossa sociedade de maneira intrínseca, direcionando nossa maneira de agir e pensar, e que dele surge o binarismo, que é afirmação do padrão do que cada ser deve agir: sendo homem, com sua masculinidade “fortalecida”, e mulher, feminina e delicada.

Tudo que foge do padrão exposto anteriormente tem que ser duramente criticado, taxado, punido, e não exatamente por uma lei, mas por uma norma. Mesmo com significativas mudanças na nossa sociedade, existe no centro dela o patriarcado, que faz com que essas mudanças não ocorram de forma tão efetiva e completa.

Essa “norma” é usada como justificativa na violência a gays, lésbicas e transexuais, mesmo sendo crime, previsto por lei, a punição não é cumprida tornando nosso país o lugar mais perigoso para a comunidade LGBTQI+ do mundo. O *CISistema*, de cisgenero mesmo, criou ferramentas de exclusão dos corpos trans através do binarismo, o gênero masculino e feminino, com suas devidas formas e seus devidos papéis, tudo que foge dessa regra se torna uma afronta grave, que deve ser punida e corrigida.

Na minha pesquisa encontrei trechos da obra *Vigiar e punir*, de Foucault (1999), que levanta a questão sobre a “tecnologia do poder”. O *poder* não é lei, e sim *norma* que dita as regras como o ser social deve ser, sendo o *poder* uma ação deste ato. E se sua ação for diferente do que é dito “normal” ela tem que ser corrigida, ou punida, na tentativa de reparar aquele sujeito desviante e fazê-lo voltar ao padrão imposto anteriormente, e numa sociedade onde o patriarcado e o binarismo cisgênero é a norma, ser gay, travesti, se “desvia” das ações, logo, deverão ser punidas e reparadas.

O poder não opera em um único lugar, mas em múltiplos lugares: a família, a vida sexual, a maneira como se tratam os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre os homens e as mulheres [...] (FOUCAULT, 1999, p. 262).

Somos resultado de uma cultura que através dos séculos se mantém nos moldes do binarismo patriarcal. A religião também segue muito forte nas sanções e na forte perseguição a este grupo de pessoas. Vivenciamos, no Brasil, portanto, um momento em que inúmeras lideranças religiosas se fazem presentes também nas esferas legislativa e executiva do país, influenciando diretamente na tomada de decisões sobre questões pertinentes aos cidadãos brasileiros (GUIUMBELLI, 2005). Vemos que essa estrutura formada da nossa sociedade dá vazão a todo o preconceito existente, sobre gênero, raça, e sexualidade.

Seguindo para trazer mais personagens para o site, pensei logo em Isis Florescer, que conheci aleatoriamente em uma live de um aluno do COS no Instagram e logo passei a seguir em suas redes sociais, conhecendo então seu trabalho e como a arte ajudou Ísis a florescer. Ela começou a escrever poemas como desabafo, a publicando em sua página do Instagram, o que deu bastante visibilidade a seu trabalho e estes versos logo após se tornaram livro: em 2021, a obra *Segunda Pele* foi publicada pela editora Sapatilha de arame, o que transformou Ísis na primeira mulher trans a publicar um livro em nosso estado, um marco, um exemplo e uma superação.

Artista nata, fez um livro que contém áudio com trilha sonora e declamação de cada poema. Era uma obrigação minha colocar um de seus versos em uma aba, a aba “*Florecer*”.

Hoje Ísis é Assessora Técnica de Políticas Lgbt da SEMUDH, do estado. Entrei em contato com ela e perguntei como foi sua trajetória e, agora como assessora, o que teria de prioridades à população trans.

Segui atrás de mais fontes, Brunno Afonso foi a primeira pessoa que tentei entrevistar e a última a responder. Muitos contratemplos fizeram com que nossa conversa não surgisse antes, como gostaríamos. Mas finalmente consegui o prazer de ter sua voz em meu trabalho, uma visão importantíssima, a de um homem trans.

As políticas para pessoas trans são escassas, para homens trans tendem a ser mais ainda. Existe uma alusão em relação à passabilidade dos homens trans, que acabam sofrendo menos preconceitos. Passabilidade é um termo que se refere ao quanto à pessoa trans é parecida (o) ou mais próximo a uma pessoa cisgênera. Homens trans no processo ou após a hormonização acabam por visualmente parecerem homens cis, o que conseqüentemente sofrem menos preconceito de maneira exposta no convívio em sociedade.

O que muito leva à exclusão deles em políticas públicas, já que mulheres trans sofrem violências mais expostas. Porém, assim como qualquer pessoa em sua transição, é necessário acompanhamento médico para iniciar a terapia hormonal; existem peculiaridades direcionadas a homens trans, questões sobre ciclo menstrual, mastectomia e auxílio médicos. Nas mínimas políticas alcançadas pela população no recorte do homem trans, ele não tem tanta prioridade. Para esclarecer essas questões, Brunno Afonso foi muito importante na colaboração deste projeto.

5. RESULTADOS

Fica claro até aqui o quanto a causa trans é emergente e o quanto ela é invisibilizada principalmente pelo Estado. A luta dessa comunidade ainda será grande, existem muitos obstáculos, são anos de perseguições e lutas. Conhecer um pouco é ver a resistência de frente, são pessoas que realmente põem a “cara a tapa”.

Foram anos de patologização, perseguição, mortes, negação pela ciência, religião, família, pela sociedade, todos viraram as costas, marginalizando e ignorando sua causa. Dessa forma, sendo impedidas (os) de frequentar espaços comuns a todos nós. Mas são elas e eles que estão na linha de frente lutando cada vez mais e mostrando a força da resistência em meio a tanto caos, podendo ser o que quiserem: escritora como Ísis, professora de literatura e vereadora como Duda Salabert, vereadora como Erika Hilton, design como Brunno Afonso, aluna de letras como Nefertite Souza, multiartista como Linn Da Quebrada, entre tantos outros talentos que a cada dia mais surgem. Porém, ainda são poucas pessoas trans em espaços de poder, é necessário ocupar mais espaços para se ter mais voz, mais força.

Encontrar dados oficiais foi tentar “achar agulha em um palheiro”. Existe muito desprezo daqueles que são responsáveis por nos proteger. Não se respeita gênero e nome social. É uma invisibilidade completa, um despreparo enorme. A causa trans é algo real, tem emergência e temos obrigação como sociedade, como humanos, de fazer questionamentos simples como: onde elas estão? Por que não estão no mercado de trabalho? Por que não estão do lado da minha banca da faculdade? Por que não tenho nenhuma professora trans? Não existe nenhum médico trans? Os direitos precisam se tornar cada dia mais igualitários e a efetivação desses para a pessoa trans é um dever social. A luta é grande e permanece árdua, mas elas e eles são resistência, desistir nunca será uma opção.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho veio da curiosidade, da inquietação sobre o quanto as pessoas trans são banalizadas, o quanto suas necessidades são ignoradas, o quanto querem fingir que elas e eles não existem. Espero que com este trabalho eu consiga compartilhar o nível de inquietação que tive ao fazê-lo, trazer questionamentos e humanizar a visão sobre essas pessoas que só querem ser quem são e viver sem julgamentos, sem questionamentos.

A criação do site veio para tentar unir todas essas questões, já que senti falta de informações em um lugar só sobre o assunto. Estudos sobre transexualidade são ainda muito difíceis de interpretar, poucos dados oficiais, poucos assuntos destinados a solucionar, só assuntos sobre mortes e crimes odiosos.

Este produto foi fruto da minha inquietação pessoal e a obrigação como estudante de jornalismo de trazer informações de interesse público, principalmente quando essa informação denuncia toda e qualquer violência cometida contra a sociedade, principalmente grupos marginalizados e pouco assistidos, como as trans, travestis e homens trans. Que quem leia, assista e escute os conteúdos tenha o olhar mais apurado sobre a causa e lute ao lado dessas pessoas que tanto precisam de apoio para continuar esta caminhada por uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS

A EXPERIÊNCIA DAS PESSOAS TRANS NA EDUCAÇÃO.

Observatório de educação ensino médio e gestão, 2020. Disponível em:

<<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/a-experiencia-das-pessoas-trans-e-travestis-na-educacao>>. Acesso em: 31 Mar 2022.

BIODIVERSIDADE BRASILEIRA. **#BoicoteNatura por estar se 'rebelando contra a natureza'? Como é essa natureza que essas pessoas dizem? Macho e fêmea formam um casal e pronto? Vem comigo descobrir isso.. #BioThread**. Twitter: @BiodiversidadeB, 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/BiodiversidadeB/status/1288572519469940736>> Acesso em 12 Mar. 2022.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. 2007. Disponível em:

https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasil_eiros.pdf>. Acesso em 02 Abr. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Editora Vozes, 20^a ed. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em:

<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf>. Acesso em: 20 Mai. 2022.

FRANCO, Marina. **Carta aberta sobre a pornografia trans às mulheres cis heterossexuais**.

Catarinas: Jornalismo com perspectiva de gênero, 2021. Disponível em

<<https://catarinas.info/carta-aberta-pornografia-trans-para-todas-as-mulheres/>>. Acesso em: 20 Mai. 2022.

GOMES, Bianca; FAHEINA, Caio; KER, JOÃO. **No ensino superior, o espelho da exclusão de pessoas trans**. Estadão, 2019. Disponível em:

<<https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/no-ensino-superior-o-espelho-da-exclusao-de-pessoas-trans>>. (acesso em 16Abr. 2022).

GUEDES, Enildo Marinho et. al.. **Considerar orientação metodológica complementar do Padrão UFAL de normalização**. EDUFAL, Maceió, 2013. Disponível em: <

<http://www.ufal.edu.br/arquivos/prograd/manuais/padrao-ufal-de-normalizacao-2/padrao-ufal-de-normalizacao/view>>. Acesso em 20 Abr. 2022.

GUIUMBELLI, Emerson. **Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades**. Editora: Garamond, Rio de Janeiro, 2005.

MARCELINO, Yasmim Rodrigues. **O Gênero e a Transexualidade Feminina e o Sistema Prisional Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso em Direito. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2412/1/YASMIM%20RODRIGUES%20MARCELINO%20-%20TCC.pdf>>. Acesso em 25 de Mar de 2022.

O PENSAMENTO DE FOUCAULT TRANSITA POR DIVERSOS TEMAS, COMO LOUCURA, SEXUALIDADE, DISCIPLINA, PODER E PUNIÇÃO. **Guia do Estudante**, 2017. Disponível em:

<<https://guiadoestudante.abril.com.br/especiais/michel-foucault/>> Acesso em 15 Mar 2022.

PINHEIRO, Ester. **Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo**. Brasil de fato, São paulo, 2022. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-send-o-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>>. Acesso em 10 Mai 2022.

PORFÍRIO, Francisco. **Judith Butler | Mulheres da Filosofia**. Brasil Escola, 2020. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/videos/judith-butler-mulheres-da-filosofia.htm>>. (acesso em 15/03/2022).

VEIGA, Edison. **O que faz o Brasil ser líder em violência contra pessoas trans**. Brasil de Fato, 2021. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/01/o-que-faz-o-brasil-ser-lider-em-violencia-contra-pessoas-trans>>. Acesso em 02 Jun 2022.

Apêndice A

Aba 1: “É Sobre isso”

Website Invisíveis Trans link: <https://lucasla.wixsite.com/website-1/>



Invisíveis à luz do dia, no convívio social, na escola, nos círculos de amizades, aos olhos do poder público. Apesar de se destacarem na aparência e nas indumentárias, são pessoas ignoradas nos ciclos sociais. Geralmente, é na calada da noite, na prostituição numa tentativa de sobreVIVER, que encontramos as pessoas Trans, na esquina.

Com expectativa de 35 anos, somos o país que mais mata trans e travesti no mundo. A cada 16 horas uma pessoa LGBTQIA+ é morta no Brasil, segundo dados do TGUE (Transgender Europe) de 2021.

São invisíveis nas políticas sociais. Ser Trans e travesti no nosso País não é uma realidade fácil. É através de alguns relatos que quero dar visibilidade à aquelas e aqueles que lutam simplesmente pelo simples direito de **EXISTIR**.

Apêndice B

Aba 1: “É Sobre Isso”.

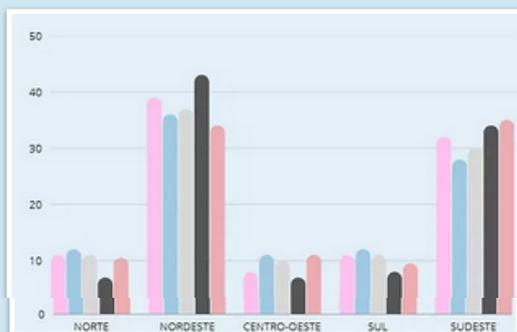
INVISÍVEIS

Por Lucas Almeida

Segundo a Associação Nacional de Trans e Travestis (Antra), em 2020, o Brasil ficou em 1º lugar no ranking dos assassinatos de pessoas trans no mundo, números que se mantiveram acima da média dos anos anteriores, com o total de 175 casos – seis a mais que em 2017, ano que até então mantinha o maior número de assassinatos contra pessoas trans do gênero feminino.

Em comparação com 2008, o número é três vezes maior, que foi de 58 assassinatos. O relatório da Antra mostra ainda que o nosso Estado ocupa a 6ª posição no ranking de mortes no Brasil, ficando atrás de São Paulo, Ceará, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Na região Nordeste, Alagoas aparece como o terceiro estado que mais mata pessoas trans, travestis ou mulheres transexuais.

O gráfico abaixo mostra o acompanhamento dos casos ocorridos entre 2017 a 2021, foram dados capturados do dossiê da Antra de 2021.2, elaborado por Bruna Benevides.



Acompanhamento dos casos ocorridos entre 2017 a 2021 em cada região do Brasil, retirados do dossiê da Antra 2021.2.

Numa simples pesquisa no Google, o usuário vai achar alguma violência relacionada à palavra Trans ou Travesti, 8 a cada 10 notícias é sobre violência de algum tipo contra trans e travestis.



Recorte Alagoano nos últimos 5 anos. Retirados do dossiê Antra 2021.2

O Nordeste sempre lidera os casos de mortes, só em 2021 que a concentração de mortes foi na região Sudeste, com 49 assassinatos (35% dos casos). Em seguida, vemos a região Nordeste, com 47 casos (34%) casos; a região Centro-Oeste com 15 (11%) assassinatos; o Norte, com 14 (10,5%) casos; e o Sul com 13 (9,5%) assassinatos. Em 2021, o Nordeste apresentou queda, enquanto as demais regiões apresentaram aumento no número de casos, com destaque para o Sudeste que vem aumentando desde 2018, sendo evidenciado o reflexo da falta de impunidade para esses crimes e políticas públicas em prol da população trans,

Os fatos consolidam o Brasil como o país mais violento contra transexuais. Desde 2008, o Brasil lidera esse número, dentre todos os países do mundo. A instituição que reúne os dados é a Transgender Europe (TGEU), uma ONG internacional dedicada ao tema, com ajuda de grupos que levantam dados em cada país. No Brasil, as organizações mais conhecidas no levantamento de dados sobre a violência LGBTQI+ é o GGB (Grupo Gay da Bahia) e o Antra (Agência Nacional de Trans e Travesti)

Segundo a pesquisadora Bruna Benevides, Secretária de Articulação Política da Antra, autora do dossiê dos assassinatos e da violência contra pessoas trans, esses dados são um retrato de uma pandemia de ódio.

Apendice C

Aba 1: “È sobre isso”.

BRUNA BENEVIDES

Bruna está desde 2016 na Diretoria da ANTRA, a Associação Nacional de Trans e Travestis e por iniciativa própria um dossiê dos assassinatos e violência cometidos de 2008 em diante. Ela é segunda-sargenta da Marinha do Brasil, há 21 anos ingressou na carreira militar, foi dispensada das Forças Armadas ao revelar que era transexual teve que reverter a decisão por vias administrativas, até conseguir o direito de voltar ao trabalho.

Coordena um Pré- Vestibular Social, entre outros projetos em prol da causa trans e travesti.

Seus trabalhos são referências nacional e internacional em apoio a necessidade trans



AUTOR

Lucas Costa de Almeida



Este site é um produto de muito esforço, carinho e empatia a um grupo que tanto precisa ser ouvido e de espaço em nossa sociedade, dedico este trabalho a estas pessoas que tanto luta para existir.

Obrigado a minha mãe, amigos, por acreditarem que seria possível.

Apêndice D

Aba 2: “Contra a natureza?”.

O QUE É NATURAL?

Ser homem ou mulher é de fato natural? Nasceu com a gente ou aprendemos a ser desta forma? Falo do "ser homem e ser mulher", mulher com toda sua feminilidade e homem esbanjando masculinidade alfa, o homem como centro, protetor, e mulher à sua sombra, protegida. Isso é dito como natural há anos, é norma. Essa norma é usada sempre nas justificativas de crimes transfóbicos e homofóbicos, normas altamente reforçadas nos discursos religiosos em todo o país, já que somos 85% cristãos. Segundo o último censo do IBGE, essa norma é altamente reproduzida em cada lugar deste país.

Mas o natural, vem de algo involuntário, da própria natureza e na própria natureza são encontrados diversos registros de comportamentos sexuais diferentes desse “padrão”, por exemplo, espécies de rãs e peixes que mudam de sexo durante sua vida. Existem diversos casos registrados por órgãos responsáveis pelo mapeamento dos comportamentos de animais, diversos comportamentos homossexuais entre os animais, provando o quanto ela é diversa.



No Twitter, biodiversidade brasileira, existe uma thread que tenta explicar de maneira simples a diversidade sexual no reino animal

Vamos conversar por chat

NÃO É DOENÇA!

Muitos estudos foram feitos para tentar entender o comportamento humano, sua sexualidade e como evoluímos como sociedade. Diante de tantos estudos, foram encontrados padrões comportamentais em vários tipos de sociedade. Padrões passados de geração a geração, e na grande maioria das sociedades, o patriarcado foi visto como o sistema sociopolítico vigente, no qual homens são colocados em situação de poder, centro da sociedade em questão.

Após a Revolução Industrial, tivemos consideráveis transformações sociais, econômicas, morais, científicas e políticas, graças às lutas dos movimentos feministas, antirracistas, dos trabalhadores, entre outros. O inconformismo com o sistema atraiu a atenção de muitos pensadores que buscavam entender estes fenômenos sociais, um deles foi Michael Foucault.

Foucault, em sua obra *Vigiar e punir*, levanta a questão sobre a tecnologia do poder, surgido talvez no século XVII. Ele explica que o poder não é lei, e sim norma que dita as regras como o ser social (eu, você) deve ser, sendo o poder ação deste ato. E se sua ação for diferente do que é dito "normal", ela tem que ser corrigida, ou punida, na tentativa de reparar aquele sujeito desviante e fazê-lo voltar ao padrão imposto anteriormente. Ação esta baseada na sociedade onde patriarcado, cisgenderismo e o binarismo são a norma. Assim, ser gay ou travesti se “desvia” das ações, que logo devem

Apêndice E

Aba 2: “É contra a natureza?”.

ser punidas e reparadas. " O poder não opera em um único lugar, mas em múltiplos lugares: a família, a vida sexual, a maneira como se tratam os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre os homens e as mulheres[...]" (FOUCAULT, 2006, p. 262).

Durante anos a psiquiatria tentou explicar o "caráter desviante" de gays, lésbicas e transexuais, de maneira científica, relacionando homossexualidade e transexualidade (antes o sufixo ISMO, era usado como conotação de doença) a transtorno de personalidade, distúrbios delirantes ou esquizofrenia, tornando-se patologia.

A psiquiatria ajudou na "punição" a esses indivíduos que precisavam ser "curados". Terapias de choque, internação em hospícios, torturas, foram essas as maneiras de reparação ao desvio de conduta. O que era bastante criticado na época, mas foi aceito por anos.

Foram diversos estudos afirmando que transexualidade e homossexualidade eram doenças, estudos como o de Kraft-Ebbing, que em *Psychopathia Sexualis*, de 1886, procura classificar e caracterizar os comportamentos homossexuais como justificativa para a patologização. Ler mais

Após anos de patologização, em 1973 a homossexualidade passa a não ser mais classificada como perversão ou distúrbio pela Associação Americana de Psiquiatria. Dois anos após, a Associação Americana de Psicologia aprovou uma resolução retirando Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) .

Já a transexualidade foi colocada na categoria de transtornos mentais em 1990, e só após 28 anos a Organização Mundial de Saúde (OMS), durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra, promoveu a retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID), sendo classificada como “incongruência de gênero” Ler mais

Segundo especialistas, a patologização das identidades de gênero ofereceu diversas possibilidades de tratamento para tentativas de “cura” da transexualidade/transgeneridade/travestilidade, o que causou enorme dano à comunidade trans, já que os tratamentos não eram os mais convencionais e ajudavam a piorar a situação psicológica de cada indivíduo, além de alimentar o preconceito de toda a sociedade. Para explicar melhor o assunto, fiz uma entrevista com a mestre em Psicologia Edsangela Maria Porto Palmeira da Silva (CRP15/2801), especialista em atendimento LGBTQI+.



“ [...] o tratamento é encorajar a pessoa a SE aceitar, não modificar a sua natureza. O tratamento anterior só aumentava o índice de depressão, ansiedade, suicídio de quem era submetido à prática coerciva. E por isso, as associações de psiquiatria e psicologia a baniram como método terapêutico. (PALMEIRA, Edsangela, Mestre em

Apêndice F

Aba 2 : “Contra a natureza?”.

ENTREVISTA COM A PSICÓLOGA EDSANGELA

Transexualidade não é mais considerada transtorno mental, conforme consta na 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID), vigente desde 1990. Quais as diferenças na abordagem médica psiquiátrica antes e depois desta conclusão?

A psiquiatria e a psicologia acreditavam que o comportamento homossexual era um desvio de norma ou problema mental. A homossexualidade era explicada e considerada um desvio à norma heterossexual, pensava-se que era causada por uma “inversão congênita” durante o nascimento ou desenvolvimento do indivíduo, classificando assim como uma desordem, ou seja, transtorno mental.

Infelizmente, todos os anos de patologização culminaram na criação de práticas curativas, procedimentos terapêuticos aplicados para alterar a orientação sexual de homossexual para heterossexual, causando sofrimento para as pessoas minorizadas sexualmente.

Foi a partir de 1990 que a Organização Mundial de Saúde (OMS) excluiu a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a saúde. Após esse período, tanto a psiquiatria quanto a psicologia têm uma posição afirmativa quanto à homossexualidade, ou

seja, o tratamento é encorajar a pessoa a SE aceitar. E não modificar sua natureza. Pelo contrário, o tratamento anterior só aumentava o índice de depressão, ansiedade, suicídio de quem era submetido à prática coerciva. E por isso, as associações de psiquiatria e psicologia a baniram como método terapêutico.

O termo utilizado para quem é transexual ou travesti ainda é polêmico. Saiu de “transtorno”, depois para “disforia”, e agora ‘incongruente’. Poderia explicar os termos e falar se incongruente é adequado?

A disforia de gênero é a experiência de sofrimento, e/ou prejuízos resultantes da não identificação de uma pessoa com o gênero que lhe foi designado ao nascer. Esta pode causar-lhe irritabilidade, ansiedade, incômodo dentre outros aspectos cognitivos e comportamentais. Porém, nem toda pessoa trans ou intersexo pode ter disforia de gênero.

Já incongruência de gênero, como bem falado, é utilizado para se referir às pessoas que não se identificam, total ou parcialmente, ao gênero designado ao nascer.

Como podemos perceber, disforia não é o mesmo que incongruência, este termo está sendo utilizado para categorizar as condições da diversidade humana, definindo modos de compreender e gerir questões relacionadas a sexo/gênero na infância, adolescência e adultos. Mesmo com uma linguagem médica, acredito que seja um termo utilizado para a melhor compreensão de como o ser vem se desenvolvendo no âmbito físico, mental e ambiental, podendo ou não desenvolver a disforia de gênero.

Apêndice G

Aba 2: “É contra a natureza?”.

Levando em consideração o que os estudos psiquiátricos, há anos, afirmaram veemente sobre a questão da transexualidade como doença mental equiparada à esquizofrenia, qual seria o papel da academia e dos profissionais para reparar este dano ocorrido às pessoas trans?

Acredito que pesquisas e divulgação de dados na área da sexualidade humana, a elaboração e implementação de políticas públicas, que abarquem cuidados no atendimento ou mesmo na prática sobre as necessidades e o atendimento humanizado das pessoas trans, que considerem o acolhimento e não discriminação. É uma luta ainda a ser travada porque ainda observamos profissionais da área médica e ou psicológica com uma visão deturpada sobre a sexualidade humana.

A abordagem médica psiquiátrica atual é de fato respeitosa à população trans? Existe um preparo desses profissionais?

Observa-se que hoje houve um avanço significativo quanto à abordagem adotada pelos profissionais da psiquiatria, e até mesmo a abertura de ambulatórios para o atendimento das pessoas trans. Porém, além de ainda escassa, a abordagem médica ainda carece de muita capacitação na compreensão da diversidade humana.

Qual a importância da Psiquiatria e da Psicologia para as pessoas trans?

A área médica quanto à psicologia pode ajudar as pessoas minorizadas sexualmente a se reestruturar cognitivamente, comportamental e emocionalmente; ter outras visões de si, do mundo e do futuro; desenvolver estratégias assertivas de enfrentamento às adversidades; e construir uma vida que valha a pena ser vivida. Neste ponto, a abordagem afirmativa pode dar um suporte maior quando se tratando deste público. Dentre elas, está a modalidade da psicologia afirmativa para pessoas LGBTI+ com intervenção mais breve, que visa acolher e orientar pessoas que estejam precisando conversar e/ou tirar dúvidas sobre questões referentes à orientação sexual, identidade de gênero, gênero, corpo e sexualidades. Também se ressalta a importância da garantia de ambientes seguros, sensíveis e acolhedores para pessoas LGBTI+, de modo que todos/as/es possam usufruir desses espaços de cuidado.

essoas LGBTI+, de modo que todos/as/es possam usufruir desses espaços de cuidado.

Apêndice H

Aba 3: “Patriarcado e binarismo”.



“

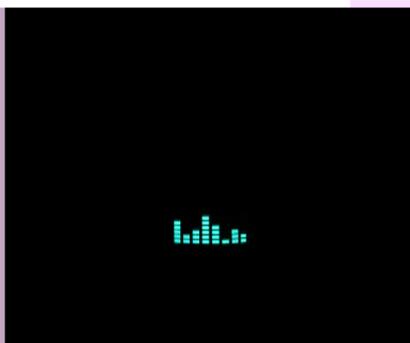
[...] movimentos sociais, é trazer a conotação de força, organização, que dá a possibilidade desses sujeitos possam ter vozes, e poder reivindicar [...] sem movimentos sociais é impossível pensar numa sociedade mais democrática (Ilson Lourenço, mestrando em Serviço Social)

”

Entrevista com mestrando em Serviço Social Ilson Lourenço

O patriarcado é um sistema sociopolítico que faz parte da nossa sociedade durante anos. Segundo estudiosos, junto com o binarismo, eles ditam as regras de convivência na nossa sociedade e afetam até nossa subjetividade.

Para entender mais sobre o assunto, entrevistei, por áudio, o mestrando em Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e também escritor do livro *Doação de sangue e homossexualidade no Brasil, cautela revestida de preconceito?*



BRUNNO AFONSO



[@brunno_afonso](#)

“

“[...] Todos os dias temos que botar a cara pra bater, mesmo com medo de sair na rua e ser negado. A persistência de viver é que dá a coragem de lutar todos os dias por uma vida melhor, por ser respeitadex, por ter uma assistência de qualidade para as novas gerações não passarem o que eu e muitos passaram e passam até hoje”.

— Brunno Afonso, Transativista, coordenador da Aliança LGBTQI Alagoas.

Entrevista com Brunno Afonso

Brunno é transativista e Coordenador da @aliancalgbti aqui de Alagoas. Lutou com muito ardor para fazer a sua mastectomia, foi maltratado e chamado de louco. Aqui, ele fala também sobre as dificuldades da cirurgia para os homens trans no estado e dos ambulatórios criados para atendimento ao grupo, um grande avanço para a comunidade trans alagoana.

Brunno, como é ser homem trans em Alagoas? Teve alguma dificuldade no sistema público para iniciar a hormonização?

Foram anos de luta. Infelizmente, o sistema público ainda é um sistema muito crítico para as pessoas trans, principalmente em Alagoas que as pessoas trans não têm apoio.

No meu processo de transição, fui tachado como louco por uma psicóloga, então ser uma pessoa trans era caso de ser uma pessoa com distúrbio mental, eu era maltratado por muitas profissionais da área da saúde, pelo simples fato de ser um homem trans, nome social não era aceito.

Então, o serviço público em geral era uma coisa que pra mim e pra outras pessoas trans era algo de terrorismo, muitas meninas transgênero se suicidaram por falta de apoio do serviço de saúde, por ser maltratadex, por suas disforias, pela depressão. Muitos começaram a tomar hormônios por conta própria por falta de apoio, não havia visibilidade da comunidade trans, por isso muitos se prejudicaram.

Apêndice J

Aba 4: “Brunno”.

O atendimento a um homem trans no SUS é adequado?

Hoje, o sistema público em geral ainda não está preparado para receber as pessoas trans, infelizmente ainda existem muitas pessoas transfóbicas, preconceituosas, que dificultam muito a vida das pessoas trans, seja no sistema básico de saúde, seja na educação, no trabalho, em todo lugar.

São poucas pessoas hoje no estado de Alagoas que ajudam a comunidade trans, aos poucos a população vai reeducando a própria mente para perceber que nós somos todos iguais, que apenas nascemos no corpo errado, que não somos um ET, de outro mundo.

Em Maceió, só existem dois ambulatórios trans, que foram conquistados com muita luta e com a ajuda de três médicos maravilhosos, Dr. Cleber Costa, Dr. Marcos Ramalho e Dra. Isabele Fátima. Eles lutaram para que os ambulatórios funcionassem para atender às necessidades da população transgênera.

A nossa dificuldade é ter um atendimento adequado humano, minha dificuldade é ver que nós temos direito de receber os hormônios pelo SUS, mas ele não é totalmente garantido. Depois de muitas lutas de anos batendo na porta da secretaria foi que conseguimos, com a ajuda do Dr. Marco Ramalho, a cirurgia para os homens trans, e isso foi uma vitória, ficou na história.

Então, é aquela coisa, todos os dias temos que botar a cara pra bater, mesmo com medo de sair na rua e ser negado. A persistência de viver é que dá a coragem de lutar todos os dias por uma vida melhor, por ser respeitadex, por ter uma assistência de qualidade para as novas gerações não passarem o que eu e muitos passaram e passam até hoje.

O que pessoas fora da comunidade podem ajudar a vocês homens trans?

As pessoas cisgêneros podem apoiar, respeitando, porque todos nós somos iguais independente de ser cis ou não. Temos direitos iguais, não precisa ser um LGBTQIA+ para apoiar a nossa causa, precisa ter empatia e amor pelo próximo. Vamos lutar até o fim, mesmo sabendo que muitos são mortos por ação de ódio, vamos lutar para viver, e viver de um modo livre.

Apêndice K

Aba 5: "Florescer".

FLORECER

Natureza. A natureza nasce do nada, às vezes sem necessidade de plantar, regar, ela só nasce, cresce e floresce. Isis assim floresceu: alagoana, artista, transfeminista. Ela é Isis Florescer.

Formada em Teatro pela Escola Técnica de Artes da Ufal, é a primeira mulher trans a ter uma obra publicada em Alagoas. É figura marcante na luta trans em Alagoas; no momento, atua como assessora LGBT da Secretaria do Estado da Mulher e dos Direitos Humanos (SEMUNDH) do governo de Alagoas, na gestão de políticas públicas para a população LGBTQI+. Além disso é escritora, publicou em 2021 seu primeiro livro, *Segunda Pele*.

Reprodução: Instagram @isiflorescer



Reprodução: Instagram @isiflorescer

Qual o sentimento de ser a primeira mulher trans a publicar um livro aqui no nosso estado?

Ao mesmo tempo que sinto uma realização pessoal e artística por ter meu trabalho reconhecido, causa um desconforto e sensação de impotência saber que a precariedade na qual as nossas vidas trans estão expostas e submetidas restringem as oportunidades em todas as áreas.

E agora como assessora Lgbtqi+ Secretaria da Mulher e Direitos Humanos do Estado de Alagoas, como você vê a inserção de mulheres trans e homens trans na vida política?

Ainda é algo muito insipiente e sem estímulo. Pessoas trans atuando nesses espaços são uma exceção.

Isis Florescer

@isiflorescer

Quais as pautas emergenciais que devem ser abordadas sobre a vida das trans e travestis alagoanas?

Muitas são as questões emergentes no debate sobre direitos e cidadania das pessoas trans. Penso que criar um ambiente escolar inclusivo e acolhedor com esses corpos contribuirá para o desenvolvimento educacional desse grupo, além de implementar no currículo escolar disciplinas que abordem a temática da diversidade sexual e de gênero. Outra questão emergencial é capacitar e dar oportunidades de trabalho para as pessoas trans. infelizmente segundo dados da ANTRA mais de 80% das mulheres trans e travestis obtêm sua renda do

exercício da prostituição. Essa realidade escancara o preconceito e a discriminação com os corpos trans empurrando essas pessoas para a marginalidade e falta de oportunidades nas esferas sociais.

Existe alguma política pública direcionada a homens trans?

No momento existe um serviço sendo implementado no equipamento do Ambulatório do Processo Transexualizador do Estado de Alagoas, a mastectomia para homens trans (consiste na retirada das mamas).

Apêndices L

Aba 5: "Florescer".

ÍISIS INDICA:

Teria alguma dica para quem quer conhecer mais pessoas e vivências trans (filmes, séries, livros, álbuns...)

Sim. Existe um grande número de artistas trans criando e produzindo.

Na literatura destaco *Alma Aye Dun*, uma jovem escritora que tem uma força poética invejável e com livro já publicado, *A Balada das Cigarras*. *Kika Sena*, atriz e escritora, alagoana radicada em Brasília também tem livros publicados.

Na música vemos uma cena efervescente com *Urias*, *Linn da Quebrada*, *Majur* e *Liniker* (essa eu sou apaixonada).

No streaming e no cenário audiovisual têm sido produzidos filmes e séries que furaram a bolha e alcançaram o grande público, tais como: a série *Pose* (Netflix), *La Veneno* e *Euphoria* (HBO Max), *Manhãs de Setembro* (Amazon Prime); nos filmes temos uma leva com temática e protagonismo trans: *Uma mulher fantástica*, *Alice Júnior*, *Girl*, *Meu corpo é político*, *Transversais*, *Laerte-se*, *Bixa Travexti*.



epifania de Ísis

excedera os sete meses
contrariando previsões científicas
tonalidade quase cinza
artigos e pronomes indefinidos

ao perfurar o ventre desofertaram-lhe
outra possibilidade
é menino!
letra escarlate forjada sob a pele

primogênita em número e grau
fruto amargo de uma relação efêmera
sobreviveu a pejeas ressacas overdoses
ausência de gestos maternos

em solo árido foi saliência
troco inquebrantável
até vingar no topo da montanha

de lá
visão panorâmica
emancipou a represa
fluxo inexorável ao encontro marítimo

Ela
filha de Oxum
Ísis
Perséfone

Apêndices M

Aba 5: “Florescer”.

percorrer a infância adentrando portais secretos bonecas de pano batom escarlate vestidos de seda primeiro passo like a virgin segundo passo maria la del barrio soy nos dias apacos indigesta presença paterna esporro hematoma cicatrizes única herança adquirida sucumbiu à puberdade imagem e semelhança de Geni corpo e alma dilacerados nenhuma mão a recolher seu pranto	sacrifício e gozo de si mesma verso transbordante no imaginário popular atravessou línguas lençóis súplicas transgrediu costumes valores convenções espécie de difícil manuseio seguirá intraduzível a renascer em órbita própria até a extinção das galáxias Florescer, Ísis. Epifania de Ísis. Segunda pele, Maceió -Al: Editora sapatilha de arame, 2021. pág. 17 
--	--

Apêndice N
Aba 6: "é ela!!!".

Entendendo mais...

Expressão de Gênero
É a maneira como você demonstra o seu gênero na forma de *agir, vestir, interagir*.

Identidade de Gênero
Refere-se ao gênero que você se auto-identifica.
Homem, mulher, não-binária, queer...

Orientação sexual
Diz respeito ao gênero da(s) pessoa (s) que você sente atração física ou emocional.
Homossexual, heterossexual, bissexual...

Sexo Biológico
Refere-se as características biológicas relacionadas a genitália hormônios, cromossomos.
Masculino, feminino, intersexual.

Pergunte sempre à pessoa como ela gostaria de se identificar. Só ela pode decidir.

ENTENDA...

Identidade de gênero é a compreensão que a pessoa tem de si, podendo se identificar como masculino, feminino ou ainda a combinação de ambos.

Trans ou Travesti?

Travesti é um termo especificamente latino, usado muitas vezes de maneira pejorativa, sendo incorporado como *mitância* também. Trans é quem se encontra dentro do espectro binário, ou seja, a mulher trans se reconhece dentro da *mulheridade*, o que é se assumir *mulher* na sociedade.

Enquanto a travesti assume um espectro que vai além disso: Como disse Lina Pereira, a Linn Da Quebrada, no BBB 22: "Não sou homem, não sou mulher, sou Travesti".

Apêndice O

Aba 6: “é ela!!!”.



É ELA!

A participação de Linn Da Quebrada, cantora, atriz e ativista social no BBB22 levantou questões sobre a causa Trans, uma delas foi a evolução de diálogos sobre representatividade trans e sobre uso de pronomes, maneiras de tratamento.

Há 11 anos, Ariadna Arantes, esteticista, foi a primeira eliminada do BBB11. Fala-se que o que motivou a eliminação foi por não se revelar ser uma mulher trans desde o começo, por medo da rejeição. Após revelar ser uma mulher trans, foi duramente criticada, principalmente após dar um selinho em um dos participantes.

Já em 2022, 11 anos depois, a receptividade de Lina Pereira foi bem aceita pelo público, tendo até a menor porcentagem em um paredão eliminatório da temporada. Foi eliminada no 17º paredão, vencida pelo favoritismo do participante Arthur Aguiar.

Dentro da casa, o erro sobre o uso dos pronomes foi a questão mais sofrida por Lina. Após muitos erros, foi necessário que o próprio apresentador, Tadeu Schmidt, ao vivo, parasse o programa para que a própria Lina explicasse o motivo de ter "ELA" tatuado na testa. Essa intervenção foi algo inédito no programa. Lina explica que decidiu tatuar na própria testa "ELA", justamente para que a mãe dela não errasse mais o pronome e, conseqüentemente, outras pessoas também não errassem.

Sendo a 17º eliminada, Lina não ganha o prêmio principal, mas se deixar ser vista, muda o olhar de muitas pessoas sobre a vivência trans, mostra o quanto evoluímos e o quanto é preciso evoluir. “Por sua causa, o Brasil inteiro sabe: não tem mais desculpa para errar o pronome. É ela. Por sua causa, Lina, não tem mais desculpa para errar o artigo. É a travesti. E é travesti e não tem nenhuma palavra pejorativa. Quem é capaz de medir o quanto esses erros mexeram com as pessoas aqui fora, o quanto definiram trajetórias aí dentro?”, disse Tadeu Schmidt, apresentador do BBB22, na eliminação de Lina.

Apêndice P

Aba 6: “é ela!!!”.



“A nossa associação de gênero pelo pronome é uma construção social, então quando utiliza um pronome designado a um homem a uma mulher trans desenvolve vários gatilhos, faz muitas meninas associarem que socialmente elas não são mulheres, e não são aceitas como mulheres”.

Nefertiti Souza, em entrevista concedida no dia 04 de junho de 2022

Saiba mais

Mesmo sendo garantido por lei, o nome social não é sempre respeitado, nem por instituições públicas ou privadas. Não existe uma punição efetiva e a denúncia sempre é complicada, já que são necessários vídeos, provas, testemunhas e etc.

Mesmo já tendo feito reclamações anteriores sobre os erros de pronome pelo funcionário do Restaurante Universitário da Ufal, Nefertiti não foi atendida.

E no dia 31 de maio deste ano, Nefertiti mais uma vez foi desrespeitada, pelo mesmo funcionário do Restaurante Universitário do Campus. Desta vez, ela usou as redes sociais para expor a situação e de alguma forma ter uma resposta para dar um basta a esta situação dentro da universidade.

Em entrevista, Nefertiti Souza, explica mais sobre essa e outras situações.



FOTO: INSTAGRAM PESSOAL

Entrevista com a Aluna de Letras Nefertiti Souza



Apêndice Q

Aba 7: “E a subnotificação”.

SUBNOTIFICAÇÃO

Sem muitos projetos de auxílio ou proteção à população trans em suas ações governamentais, nosso país tem dificuldades de mostrar dados mais reais sobre morte e violência a pessoas trans e travestis. Por exemplo, em formulários de B.O. não se é respeitado o nome social e nem a identidade de gênero, e no campo de preenchimento da motivação dos crimes raramente é descrito que foi transfobia. Laudos do IML nem os dados que constam no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) publicados no Atlas da violência 2021 trazem informações sobre a identidade de gênero. “A falta de dados, e de intervenções estatais pela promoção dos direitos LGBTQI+ tende a aprofundar a vulnerabilidade de tal população à violência, especialmente de seu subgrupo de pessoas jovens e negras LGBTQI+”. (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2021).

A falta destes dados dificulta o mapeamento dos crimes e das possíveis soluções ao transfeminicídio, inviabilizando ainda mais a causa trans. Praticamente os dados colhidos por instituições, como a Antra e o Grupo Gay da Bahia, são levados como base de um número estimado, já que o colhimento de informações é feito através de relatos de vítimas, e muitas vezes por notícias veiculadas na mídia, o que faz supor que o número de ocorrido pode ser maior do que já é divulgado.

Há três anos, em 13 de junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pela criminalização a homofobia e da transfobia, com a aplicação da Lei do Racismo (7.716/1989). Um acontecimento histórico na luta trans e travesti no Brasil. Porém, casos de crimes transfóbicos e homofóbicos, ainda não são tão penalizados pela justiça brasileira, e nos dados registrados pelos funcionários muitas vezes não é respeitado o nome social ou o gênero correto. “Muitas travestis entram em contato no 180, para fazer denúncia e ela não é retificada, e daí o despreparo policial. Fazem não concluir as denúncias, direcionando para o 190, o que mostra o despreparo policial ao tratamento de pessoas trans”, expõe Nefertiti Souza em entrevista concedida no dia 04 de junho de 2022.

Com o despreparo dos agentes e trabalhadores que recebem essas denúncias dificulta as políticas públicas para auxílio e prevenção à essas pessoas e no cumprimento da lei já existente para crimes cometidos a todas pessoas LGBTQIA+. “Essa situação torna difícil denunciar atos e mecanismos simbólicos de discriminação, violência psicológica e mesmo violências físicas, visto que essas denúncias são constantemente enquadradas sem levar em conta o qualificador da LGBTfobia, gerando subnotificação ou ausência de dados”, afirmam Benevides e Nogueira.



Dados colhidos durante o ano de 2021 do dossiê Antra 2022.

Dados colhidos durante o ano de 2021 do dossiê Antra 2022.
Autora: BENEVIDES, Bruna.

A mídia tem sido uma aliada na busca de dados sobre violência trans, porém ainda encontramos em canais noticiosos manchetes como "Homem vestido de mulher é morto" e "Homossexual é morto com trajes femininos". O mesmo ocorre em B.Os onde agentes de segurança não especificam crimes transfóbicos, relatando muitas vezes como crimes comuns. Os números capturados até agora, mesmo com tantas dificuldades, já são alarmantes e clamam por mais cuidado do poder público em relação à proteção das pessoas trans.

140 assassinatos em 2021



Autora: BENEVIDES, Bruna.

Ler mais

Apêndice R

Aba 8 : “Lacrou”.

PAJUBÁ

Nasceu na ditadura, originário no iorubá e nagô, é um conjunto de apropriações linguísticas feitas por homossexuais e travestis

Pajubá, ou Bajubá, é um dialeto que reuni série de palavras utilizadas por gays e travesti. Chegou a ser tema do Enem 2018. Surgiu na fusão do português, com termos extraídos dos grupos étnico-linguísticos nagô e iorubá, que chegaram ao Brasil com os africanos escravizados originários da África Ocidental, é uma adaptação os termos africanos em outros contextos.



Trans e travestis foram perseguidos e torturados durante a Ditadura Militar no Brasil (Foto: Juca Martins / Reprodução)

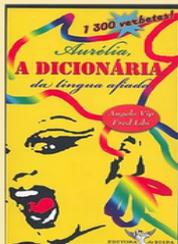
[Ler mais](#)

Durante a ditadura militar de 1964, existiu muita perseguição a trans e travestis, uma operação chamada Tarantular, caçava, e torturava pessoas trans. Gays, lésbicas, trans, travestis, não podiam ser mencionadas ou mostradas em jornais e programas de TV

Existiam séries perseguições a esta comunidade durante todo o período da ditadura, os "rondões" a que levaram mais de 1.500 à prisão só em São Paulo e mesmo após seu fim, em 1987, mesmo após o fim do regime militar, a polícia manteve o hábito e deu início à Operação Tarântula, com o objetivo de caçar e prender travestis e transexuais que se prostituíam na capital paulista. *"aqüenda o alibã", querem dizer cuidado com a polícia."*

O pájuba, foi de extrema importância na comunicação entre a comunidade, para avisos para se proteger, a esta perseguição esse "código secreto" ajudou muitos nesta época, e hoje se torna um identidade de um povo, além de deixar viva as expressões da linguagem antiga africana

O pájuba, foi de extrema importância na comunicação entre a comunidade, para avisos para se proteger, a esta perseguição esse "código secreto" ajudou muitos nesta época, e hoje se torna um identidade de um povo, além de deixar viva as expressões da linguagem antiga africana "Aurélia, A Dicionária da Língua Afurada", é o primeiro dicionário de expressões gays do Brasil e faz alusão ao dicionário Aurélio, une 1300 expressões e dialetos falado principalmente por trans e travestis, foram 10 anos de pesquisa, para reunir dialetos o que é o código das travestis "Aurélia" não tem a pretensão de ser politicamente correto. São termos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos.



Lançado em 2006 pelo jornalista Vitor Angelo e do pesquisador Fred Lib, o Aurelia é um dicionário de expressões oriundas do pajubá, que ainda não ganhou um mapeamento que dê conta da extensão do dialeto.

a - art. def. fem.

No mundo gay, o artigo definido feminino é, em muitos casos, anteposto a substantivos próprios ou comuns do gênero masculino, sendo que, no caso dos comuns, o próprio substantivo passa, quando possível, para o feminino. Ex.: a Pedro, a Mário; a prédia; a fota; a relógia; a dicionária.

aqüendar - (do bajubá) v.t.d.,t.i. e int.

1- Chamar para prestar atenção, prestar atenção 2- Fazer alguma função; 3- Pegar, roubar. Forma imperativa e sincopada do verbo: kuein! 4- Esconder o pênis

Bafos - adj.

Termo referente a algo ou alguém que causou alguma coisa. Ex.: aquela noite foi bafo, bi!"

Bicha-bofes - s.f.

Homossexual não afeminado, mas nem sempre ativo.

Bofes - s.m.

Homem heterossexual ou homossexual ativo.

Irene - adj (Regionalismo: Rio Grande do Sul)

Velho. O termo é pronunciado "ireeeeeeeene"

Jogar o picumã - expr.

Virar a cabeça, mudando o cabelo de lado, tal como as loiras fazem, com a intenção de menosprezar ou ignorar alguém.

Jurando (do v.t. e d.i. "jurar")

Acreditar no hype; se sentindo. Expressão usada unicamente no gerúndio.

Picumã (do bajubá) - s.m.

Peruca, cabeleira, cabelo.

Apêndice S

Aba 9: “Associações”.

ALGUMAS ASSOCIAÇÕES QUE AUXILIAM E ACOLHEM, PESSOAS TRANS E TRAVESTIS



ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DE ALAGOAS

Desde 2016 a Associação Cultural de Travestis e Transexuais de Alagoas vem atuando na criação de políticas públicas no Estado, sempre visando a criação de espaços de empregabilidade e apoio para pessoas transexuais, transgêneras, travestis e identidades não-binárias

[conheça mais](#)

